

Análise dos discursos jornalísticos sobre o movimento *Black Lives Matter* no Brasil a partir da visão bakhtiniana¹

Bruna Neves VITORIO²

Graduanda

Fernanda Nagliati GONÇALVES³

Graduanda

Isabela MATIAS⁴

Graduanda

Maria Lúcia de Paiva JACOBINI⁵

Professora Doutora

Vitória Beatriz Oliveira de LIMA⁶

Graduanda

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP

Resumo

Este artigo consiste na análise de dois textos extraídos de dois portais brasileiros, um do jornal *O Globo* e outro da revista *Piauí*. As reportagens foram veiculadas em 2020 e trazem como tema a manifestação em frente ao Palácio Guanabara, no Rio de Janeiro, no dia 31 de maio, mediante ao movimento social *Black Lives Matter*, desencadeado após a morte violenta de um homem negro pela força policial, nos Estados Unidos que refletiu no movimento Vidas Negras Importam, frente ao assassinato do menino João Pedro Mattos Pinto, também por violência policial, em território brasileiro. O objetivo principal do estudo é analisar o uso do discurso na elaboração de narrativas jornalísticas e os efeitos de sentido que este recurso linguístico pode produzir no leitor/interlocutor, mediante a perspectiva bakhtiniana.

Palavras-chave: História do Jornalismo; *Black Lives Matter*; *O Globo*; *Piauí* e Bahktin.

Introdução

As narrativas diante das manifestações contra a violência racial fazem parte dos discursos culturais circulantes atualmente no meio social, tendo visibilidade em várias esferas de atividade, inclusive no jornalismo. Com isso em perspectiva, este trabalho tem como objetivo analisar como reportagens de dois veículos midiáticos abordaram pautas raciais, no Brasil, pautadas em interesse político, social e cultural.

Uma pesquisa diacrônica como a que estamos propondo deve levar em conta a relação entre a produção da notícia e o contexto sócio-histórico-ideológico, o que pode revelar a

¹ Trabalho apresentado no GT História do Jornalismo, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Estudante de graduação, na Pontifícia Universidade Católica, email: bruna.nv@puccampinas.edu.br

³ Estudante de graduação, na Pontifícia Universidade Católica, email: fernanda.ng@puccampinas.edu.br

⁴ Estudante de graduação, na Pontifícia Universidade Católica, email: isabela.m5@puccampinas.edu.br

⁵ Docente do Curso de Jornalismo, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, email: maria.jacobini@puc-campinas.edu.br

⁶ Estudante de graduação, na Pontifícia Universidade Católica, email: vitoria.bol@puccampinas.edu.br

intencionalidade do enunciador. De acordo com Bakhtin, os signos ideológicos refletem e refratam a realidade de cada esfera ideológica, com a possibilidade de distorcê-la, ratificá-la ou apreendê-la de um ponto de vista específico. Desta forma, de acordo com Bakhtin/Volochínov, “o signo, então, é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1992, p. 37).

De acordo com tais considerações, vale ressaltar que, a partir da escolha de uma determinada voz e não de outra, há a possibilidade do autor de um texto induzir o leitor a uma certa opinião e/ou ideologia em relação a determinado evento social, por isso a relevância de trazer análise tal fundamento bakhtiniano para uma análise no campo jornalístico.

Assim, o artigo analisa o discurso contido em reportagens publicadas no jornal *O Globo*, do dia 31 de maio de 2020, em paralelo à revista *Piauí*, do dia 2 de junho de 2020, que dissertam, especificamente, sobre o protesto do dia 31 de maio do mesmo ano, no Palácio Guanabara, sede do governo do Rio de Janeiro, cujo estopim foi o assassinato de João Pedro Mattos Pinto e de outros cinco jovens negros em meio ao contexto do *Black Lives Matter* (BLM).

Considerando tais fontes de pesquisa, o nosso intuito é compreender e elucidar, por meio das práticas semióticas que fazem parte dos dois veículos de comunicação selecionados, uma análise referente à estratégia discursiva de cada um e suas possíveis formas de produção.

Como aporte teórico-metodológico, foram utilizados os referenciais bibliográficos do Círculo de Bakhtin. Essa corrente representa um significativo legado de discussões em torno de aspectos sociais e filosóficos, que podem ser utilizados para analisar a produção de determinada cultura e seus processos de comunicação até hoje.

Sendo assim, identificamos em nosso objeto de estudo os conceitos de dialogismo, polifonia, enunciado e enunciação, propostos pelo teórico e linguista russo Mikhail Bakhtin. Buscamos, assim, investigar as estratégias de linguagem utilizadas nos discursos nas reportagens e seus desdobramentos para quem os lê e para a sociedade que está situada em tal contexto histórico atual.

Levando em consideração que o estilo da notícia é marcado pelo ideal de objetividade (LAGE, 2012) e que o texto jornalístico deve ser de fácil compreensão para o destinatário da mensagem, no entanto, não consideramos que a notícia seja imparcial. Pelo contrário, como em toda produção linguística, podemos nela encontrar estratégias de seleção que orientam o sentido do texto.

Nesse sentido, a publicação deste trabalho tem importância por identificar a teia de vozes presentes nos discursos exibidos, na tentativa de reconhecermos e destacarmos embates que concluem que não há neutralidade no jornalismo, particularmente após a observação pelo viés bakhtiniano. Afinal, o jornalismo não é um espelho que reflete exatamente o que ocorre na realidade, pois a sua produção envolve várias pessoas, com ideologias e culturas diferentes, fazendo com que elas tenham visões distintas do mesmo fato.

Um olhar sobre os conceitos de Bakhtin

Em todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, a linguagem tornou-se o fio de ligação, ou seja, o processo de interação que operacionaliza a vida social (BASTOLLA; SOUZA, 2017, p. 1). A ideia é que cada recurso linguístico empregado pelos indivíduos e/ou grupos sociais no ato da interação dialógica, resulta em reflexões sobre determinadas temáticas ou ações.

Nesta perspectiva, o estudo da língua, baseando-se na semiótica, aponta a linguagem como um sistema de signos, sendo ele uma coisa que, além da impressão que produz nos sentidos, faz com que outra coisa venha à mente como consequência dele. Ou seja, o sentido dado a cada palavra está vinculado ao contexto em que o emissor e receptor estão inseridos.

De acordo com o filósofo Mikhail Mikháilovitch Bakhtin (1895-1975), as ideias são sustentadas pelas nossas construções ideológicas. Para ele, a linguagem tem um caráter sócio-histórico e interdisciplinar, pois não existe de maneira isolada, mas ligada à sociedade e sua história, cultura e ideologia. Sendo assim, todos esses elementos interferem na produção dos signos presentes na linguagem e na construção de nossos diálogos:

O conjunto de signos de um determinado grupo social forma o que Bakhtin chama de universo de signos. E todo signo, além dessa dupla materialidade, no sentido físico-material e no sentido sócio-histórico, ainda recebe um “ponto de vista”, pois representa a realidade a partir de um lugar valorativo, revelando-a como verdadeira ou falsa, boa ou má, positiva ou negativa, o que faz o signo coincidir com o domínio do ideológico. Logo, todo signo é ideológico. (MIOTELLO, 2005, p.170)

Como parte de seus conceitos, as percepções de enunciado e enunciação tem papel singular na noção de linguagem que permeia a teoria bakhtiana. O enunciado pode ser visto ou ouvido, escrito ou falado, e se apresenta como um ato de comunicação social, na qual ocorre uma interação entre sujeitos, em uma dinâmica de alteridade entre o *eu* com o *outro*.

Nessa perspectiva, (o enunciado) é concebido com unidade de comunicação, como unidade de significação, necessariamente contextualizado. Uma mesma frase realiza-se em um número infinito de enunciados, uma vez que

esses são únicos, dentro de situações e contextos específicos (BRAIT; MELO, 2006, p.65)

Neste processo, o receptor não é compreendido como um ser passivo, tampouco o locutor, já que o enunciado reflete em uma memória discursiva, que contém enunciados proferidos de outrora e possibilidades de novos enunciados a partir daquele, nas quais o sujeito entra em contato com a enunciação, mesmo que de forma inconsciente.

Os discursos só podem ser compreendidos e analisados se existir uma situação extraverbal. Como apresentam as autoras Beth Brait e Rosineide de Melo:

[...] o enunciado e as particularidades de sua enunciação, configuram o processo interativo, ou seja, o verbal e o não verbal que integram a situação e, ao mesmo tempo, fazem parte de um contexto maior histórico, tanto no que diz respeito a aspectos (enunciados, discursos, sujeitos, etc.), que antecedem esse enunciado específico, quanto ao que ele projeta adiante. (2006, p.67)

Esse processo significa que o enunciado vai além do verbal. Um enunciado implica muito mais do que aquilo que está presente dentro dos fatores estritamente linguísticos (BRAIT; MELO, 2006), permitindo um olhar aberto e infinito em uma cultura, marcada por ecos de outras culturas e dimensões paralelas que o influenciam.

Vinculada ao enunciado, a enunciação carrega o contexto histórico, ideológico, social e cultural do discurso. Sendo assim, nenhuma mensagem existe sozinha, pois está inevitavelmente conectada à forma como funciona uma sociedade e ao contexto histórico em que está inserida. Ou seja, o autor de uma fala nunca é único, mas um dos que compõem aquele discurso repleto de costumes e ideologias de uma determinada época. Levando em consideração o conceito de ideologia, segundo Fiorin mediante a perspectiva bakhtiniana, como:

Um conjunto de ideias, essas representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens é o que comumente se chama ideologia. (FIORIN, 1990, p. 28)

Para Bakhtin e Volochinov (1992, p.112), a enunciação é “o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados”. Afinal, o sentido de uma fala pode variar de acordo com quem está lendo, já que este também carrega uma bagagem ideológica e cultural, assim como aquele que produz o discurso. Sendo assim, a mesma mensagem pode levar a diversas interpretações quando recebida por indivíduos diferentes.

Dentre os conceitos filosóficos bakhtinianos, o dialogismo é o fundamento de toda linguagem. O termo dialogismo é o princípio interno da palavra, o que significa que, no

discurso, o objeto está mergulhado em valores e definições, fazendo com que, nas interações sociais, o falante se depare com múltiplos caminhos e vozes ao redor. Como bem resume José Fiorin, “são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados” (FIORIN, 2016, p. 22).

Mais precisamente, compreendemos a enunciação somente porque a colocamos no movimento dialógico dos enunciados, em confronto tanto com os nossos próprios dizeres quanto com os dizeres alheios, este por sinal já carregam percepções sócio-históricas.

Aqui, entendemos que o dialogismo entre enunciadore não se liga a uma vontade exclusiva do falante ou que a linguagem está sendo dita pela primeira vez, muito pelo contrário, já que os discursos se constroem a partir de algo dito e em oposição a ele, porque resultam do embate de muitas vozes sociais. Nas palavras de Bakhtin:

A verdadeira substância da linguagem não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (2006, p. 125)

Com isso, o autor defende que todo e qualquer diálogo, nele contém outros diálogos tornando-se uma junção de ideias, pensamentos, afirmações etc. Assim, o dialogismo é constitutivo da linguagem, pois mesmo entre produções monológicas observamos que todo enunciado é dialógico (FIORIN, 2016, p.27).

Já o conceito de polifonia bakhtiniano é resultante das diversas vozes presentes em um texto. A multiplicidade de ideologias distintas, presentes em um discurso, sem que haja a necessidade de reduzir apenas uma em dominante. Dentro deste processo ainda temos o autor, que para Bakhtin não está em uma função secundária, na qual renuncia do seu ponto de vista, mas sim cria uma relação entre sua verdade e o discurso do outro, como descrito no texto:

A posição do autor como regente do grande coro de vozes que participam do processo ideológico, mas esse regente é dotado de um ativismo especial, rege vozes que ele cria ou recria, mas deixa que se manifestem com autonomia e revelem no homem um outro. (BRAIT, 2005, p.193)

Vale ressaltar que o autor e as vozes carregam na fala o dialogismo, conceito necessário para a existência da polifonia, “trata-se de uma mudança radical da posição do autor em relação às pessoas representadas, que de pessoas coisificadas se transformam em individualidades” (BEZERRA, 2005, p. 194).

Diálogos possíveis entre a teoria bakhtiniana e a repercussão midiática do caso João Pedro

O assassinato de George Floyd repercutiu em todas as mídias e desencadeou diversos protestos pelo mundo. No Brasil, deu visibilidade ao caso do menino João Pedro Mattos Pinto, de 14 anos, assassinado dentro de casa, no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro, durante uma operação das polícias Civil e Federal contra o tráfico de drogas, no dia 18 de maio de 2020. O episódio gerou manifestações mediante à violência policial praticada na comunidade nos dias que antecederam a morte do garoto. Ações maciçamente direcionadas à população negra.

Tal abordagem compõe o objeto deste trabalho: as reportagens publicadas pelo jornal *O Globo*, do dia 31 de maio, redigida por Roberto Moreyra, Aline Macedo, Felipe Grinberg e Leonardo Ribeiro; e pela revista *Piauí*, do dia 2 de junho, de autoria do jornalista Armando Antenore.

As reportagens produzidas dissertam, especificamente, sobre o protesto do dia 31 de maio, no Palácio Guanabara, sede do governo do Rio de Janeiro, cujo estopim foi o assassinato de João Pedro e de outros cinco negros, com distintos pontos de vista e angulações noticiadas, de acordo com a marca identitária de cada veículo. Pensando nisso, analisaremos cada reportagem observando as formas de linguagem, as referências culturais, sociais, econômicas e políticas, baseando-nos na teoria semiótica do pensador soviético Mikhail Bakhtin para a compreensão de como se efetua a produção da significação no funcionamento dos discursos da vida cotidiana, aqueles que se relacionam diretamente com a situação em que são produzidos, identificando-se neles, mais facilmente, a natureza social da linguagem.

Pensando na reportagem cuja manchete “Eu não aguento mais chorar”, publicada pela revista *Piauí*, exatamente 15 dias depois do assassinato de João Pedro, notamos já no título um trecho do discurso de Mônica Cunha, uma das manifestantes e peça fundamental na construção da narrativa, dizendo em tom de ordem:

O Estado não pode matar [...] temos que sair às ruas! Não podemos ficar em casa como pedem a Organização Mundial da Saúde e o governador. Sabe por quê? Porque o Estado não para de nos assassinar, mesmo na pandemia do coronavírus. A vida dos meus filhos, a vida do meu povo importa! Eu não aguento mais chorar!

Ao fazer uso desta frase, diante do estudo de Bakhtin, consideramos a identificação do dialogismo, ou seja, o uso de um outro discurso no intuito de complementação. Isso vai

além da simples introdução de uma voz no texto, pois foi uma escolha milimetricamente calculada para compor a ideia transmitida, como explica a Aragute:

[...] considerar que se trata de um processo em que a escolha de um determinado trecho do discurso e não de outro implica uma estratégia argumentativa que visa alcançar determinado efeito de sentido. (2010, p.70)

Assim, a frase no título e logo no primeiro parágrafo não estão ali aleatoriamente, visto que Mônica Cunha deixa de ser fonte ou simplesmente um número e passa ser um indivíduo com uma história de superação e emoção, narrada nos parágrafos seguintes. Com isso, o leitor se sensibiliza e se sente parte da história, características essas que constituem o jornalismo literário uma marca interpretativa e identitária que compõe a linha editorial presente na revista *Piauí* que, embora invisível, perpassa por todo o texto.

E a reportagem segue mencionando a história de Cunha, fundadora do Movimento Moleque - coletivo que luta pelos direitos de jovens infratores - após ter seu filho morto pela Polícia Civil em dezembro de 2006, durante uma operação contra o tráfico de drogas. Mas, o que chama a atenção é a frase: “ele tentou roubar um carro na adolescência”, mais especificamente a palavra “adolescência”. Provavelmente, na tentativa de não taxá-lo, o jornalista não faz menção em detalhes do ato praticado em si, e também não se dirige ao rapaz como “criminoso”, “bandido”, “ladrão” ou “menor infrator”, deixando clara a visão social e ideológica do jornalista, no que se refere à linguagem neste trecho. Levando em consideração tais aspectos o linguista José Luiz Fiorin define o conceito de ideologia como:

Um conjunto de ideias, a essas representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens é o que comumente se chama ideologia (FIORIN, 1990, p.28).

Desta forma, o jornalista Antenore transmite, em seu texto, uma ideologia social e histórica ao considerar fatores que impossibilitaram o rapaz de almejar novas perspectivas de vida, diante da realidade da comunidade negra do país, que é marginalizada e não recebe as mesmas oportunidades comparado ao branco e seus privilégios, em uma sociedade mascarada pelo mito da meritocracia.

Tal característica contínua no parágrafo seguinte, ao contar sobre o decorrer do protesto com o trecho “as centenas de pessoas - duzentas, trezentas, quatrocentas”, para descrever a quantidade de manifestantes no local, que de forma aumentativa condiz com a ideia de uma grande quantidade de pessoas, diferentemente da proposta do jornal *O Globo*, discutida mais à frente.

Além disso, o jornalista se refere ao protesto como “a fúria dos manifestantes contra os excessos cometidos por policiais do Rio, que não raro culminam no assassinato de negros”, deixando claro seus valores no que diz respeito aos diversos casos de violência policial que atingem sumariamente negros, diante do racismo enraizado. A psicanalista Neusa Santos Souza, autora de *Tornar-se Negro*, de 1983, um dos primeiros trabalhos sobre a questão racial na psicologia, afirma que:

A sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior. (SOUZA, 1983, p. 19)

Desta forma, o enunciado carrega consigo as marcas indicadoras do contexto histórico e social em que se insere o autor - ao expressar sua indignação ao racismo estrutural – e o leitor, por tirar suas próprias conclusões a partir do texto lido e interpretado. Afinal, de acordo com a corrente bakhtiniana, são sujeitos sociais que carregam virtudes, valores e lembranças, que influenciam na interpretação do enunciado, a partir da enunciação.

Em seguida, o jornalista continua a reportagem relatando outros casos de violência por parte de policiais brancos, que culminaram na ação do dia 31. Além da morte de João Pedro, os assassinatos de Iago César dos Reis Gonzaga, João Vitor Gomes da Rocha, Rodrigo Cerqueira da Conceição e Matheus Henrique da Silva Oliveira, dentro das favelas brasileiras, marcaram o mês de maio. Assim sendo, para fazer essas citações na reportagem, Armando Antenore utiliza matérias noticiosas anteriores, como complementação dos assuntos já tratados, uma relação intertextual denominada por Bakhtin de dialogismo (MARTINO, 2017).

Em vista disso, a reportagem também faz uso de outros dialogismos, como ao mencionar George Floyd, homem negro que o policial branco, Derek Chauvin, assassinou por asfixia, no dia 25 de maio de 2020, em Minnesota, e o movimento *Black Lives Matter*, em tradução livre, Vidas Negras Importam, que levantou a bandeira durante os protestos nos EUA e deu visibilidade à luta racial.

Tal movimento, iniciou-se em 2013, a partir de uma hashtag levantada por três mulheres negras após o vigilante de bairro civil, George Zimmerman, ter sido inocentado pela morte a tiros do adolescente negro Trayvon Martin. No ano seguinte, o movimento criado por Alicia Garza, Patrisse Cullors e Opal Tometi ganhou força após o assassinato de mais duas pessoas negras, Eric Garner, em Nova York, e Michael Brown, em Ferguson (Missouri), pelas forças policiais dos Estados Unidos.

Análogo aos dialogismos mencionados anteriormente, a matéria, por fim, também faz alusão ao governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, devido a referência política em: “Ei, Auschwitzel, vai tomar...”, decorrente do escândalo de corrupção na saúde, o atraso generalizado dos hospitais de campanha, as filas nos hospitais, o não pagamento de salário aos profissionais da saúde e o aumento significativo de casos de coronavírus no Estado.

Em contrapartida, a matéria do jornal *O Globo*, publicada no dia 31 de maio de 2020 e intitulada “Protesto no Palácio Guanabara pela morte de João Pedro tem confronto entre manifestantes e Polícia Militar”, apresenta outras percepções que diferem da revista *Piauí*, inclusive por estarem vinculadas ao espaço em que foram produzidas e pelas concepções de cada jornalista, mediante a linha editorial de cada veículo.

No caso da reportagem publicada pelo jornal carioca, o primeiro ponto a ser analisado é o título “Protesto no Palácio Guanabara pela morte de João Pedro tem confronto entre manifestantes e Polícia Militar” que, como um todo, pode ser identificado como um enunciado, ou seja, tudo aquilo que é falado, escrito e visto. Segundo Luiz Mauro Sá Martino (2017), dentro dos enunciados estão também presentes as enunciações, ligadas sempre a um contexto e a uma ideologia que, neste caso, pode ser representada pela luta dos negros e pelos protestos nos EUA.

Ainda no título, ao destacar o confronto entre os manifestantes e os policiais, o autor optou por fazer um recorte do protesto, antes mesmo de dar voz aos participantes e à causa do movimento. Essa escolha não é autoral dos jornalistas, mas resultado da soma de outros discursos e ideologias, ou seja, eles levaram em consideração conteúdos que já haviam lido, visto ou ouvido, utilizando tais elementos como referência para a escrita de um novo material, percepção que se encaixa na ideia de que nenhum texto é completamente autônomo. Como podemos perceber na teoria de Bakhtin, o dialogismo, pois tal princípio salienta que “nenhum texto é completamente autônomo nem vinculado: a questão está centrada na interação entre os textos” (MARTINO, 2017, p. 417).

Logo depois, no primeiro parágrafo, há a presença da frase “vidas negras importam”, referência ao movimento *BLM*, na qual podemos encontrar a presença do dialogismo, por não ser um discurso original dos manifestantes brasileiros, mas uma alusão ao movimento iniciado nos EUA, como aponta (...), ao afirmar que o discurso “é o texto produzido em um lugar específico, que carrega em si as marcas das condições de suas produções. Cada grupo

social, por conta da sua prática cotidiana, carrega em si um grupo particular de palavras, signos, significados, expressões.” (MARTINO, 2017, p. 413)

Ainda no primeiro parágrafo, o jornalista vai direto ao fato e relata que a manifestação durou 40 minutos e reuniu 400 pessoas, aparentemente deixando a impressão de que não foi algo grande e nem com a presença muitas pessoas, ao contrário do jornalista da reportagem da matéria *Piauí*, que realizou uma descrição enfatizando um movimento com maior dimensão.

Seguindo, em diversos momentos, do texto temos falas daqueles que estavam presentes na manifestação do dia 31 de maio e podemos qualificá-las como polifonia, pois ela se caracteriza pela “posição do autor como regente do grande coro de vozes que participam do processo ideológico, mas esse regente é dotado de um ativismo especial, rege vozes que ele cria ou recria, mas deixa que se manifestem com autonomia e revelem no homem um outro.” (BEZERRA, 2005, p.193).

Como podemos ver neste primeiro exemplo de polifonia presente na matéria do jornal *O Globo*, “Só fica assim da minha cor. Só morre assim quem é da minha cor. Se for branco, morador de prédio, não fica. Essa é a minha revolta. Todo mundo morrendo nessa guerra inútil — fala o jovem.” Neste trecho, o jornalista em questão parece tê-lo escolhido de forma proposital para trazer à tona as reivindicações dos manifestantes, além de implicitamente deixar resquícios de ideologia racista, visto que ele poderia ter contado toda a história tendenciada para o olhar dos policiais ou daqueles que não são a favor da manifestação. Outro momento que podemos analisar pela mesma lógica se dá pelo seguinte parágrafo:

Alguns manifestantes tentaram entrar no Palácio e foram impedidos pelos Policiais Militares. Nesse momento uma viatura foi danificada. Naquele momento, houve necessidade de fazer o uso de instrumentos de menor potencial ofensivo para conter os manifestantes. Na ação uma pessoa que participou da tentativa de invasão foi presa e encaminhada para a Delegacia.

O trecho acima pode ser um exemplo da escolha estratégica dos jornalistas, posto que, ao escreverem “alguns manifestantes”, eles amenizam a proporção do movimento, diferentemente da revista *Piauí*, que deu destaque à causa da manifestação, sem abordar os conflitos com a polícia.

Os conceitos bakhtinianos voltam a aparecer nas falas das fontes destacadas, já que há seleção de gritos de ordem também proferidos nos protestos realizados em decorrência do assassinato da ex-vereadora do Rio de Janeiro, no dia 14 de maio de 2018, Marielle Franco (PSoL): “Marielle perguntou, eu também vou perguntar: quantas mortes precisam acontecer

para essa guerra acabar?". Este era um grito comum durante o ato Vidas Negras Importam, que traz a referência a tais discursos já reproduzidos naquela ocasião.

Sendo assim, observamos no parágrafo anterior que a descrição de polifonia revela que o autor carrega vozes ideológicas no seu discurso, o criando e o recriando, se manifestando em outros sujeitos e contextos. Ou seja, a frase de Marielle, que está carregada de mensagens e memórias simbólicas, foi passada adiante e reproduzida por outros com a mesma ideologia. Tendo em vista que, Marielle foi uma socióloga e política brasileira, eleita vereadora do Rio de Janeiro com a quinta maior votação, pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSoL) e lutava por causas sociais e pela vida das minorias.

Considerações finais

À vista das análises abordadas, a reportagem da revista *Piauí* retrata o mesmo ocorrido por meio de um olhar humanista, assim adiciona a sua matéria polifonias que contemplam as mesmas perspectivas do autor, como ao retratar a manifestação como um ato pacífico que visava apenas a proclamação de gritos de ordem contra o racismo estrutural, deixando claro os cuidados tomados pelos manifestantes devido a pandemia do coronavírus, já que em vários trechos reforça o uso de máscara de proteção.

Além disso, a matéria só comenta ao final sobre os confrontos com a polícia, causados por conta de um “grupo de retardatários” ou “atrasados” que, de forma irônica, o jornalista retrata aqueles que invadiram a manifestação para causar “tumultos”.

Assim como a revista, a matéria do jornal *O Globo*, traz um olhar a favor dos manifestantes, no entanto, utiliza de recursos polifônicos, dando voz à Polícia Militar do Rio de Janeiro, que sumariamente está ligada à violência racial cometida no Estado, principalmente nas favelas. Além disso, a matéria comenta sobre um manifestante que fez uso de entorpecentes, na tentativa de desqualificar o ato, desviando o foco do leitor para um caso isolado.

Por fim, concluímos que essas diferenças se dão em razão das enunciações de cada veículo, jornalista e público-alvo. Já que para Bakhtin e seu círculo, a enunciação é “o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados” (1992, p.112).

Referências bibliográficas

ANTENORE, Armando. Eu não aguento mais chorar. **Revista Piauí**, São Paulo, 2, junho de 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/eu-nao-aguento-mais-chorar/>. Acesso em 8 de junho de 2021.

ARAGUTE, Tania Aiko. Estudo da polifonia nas notícias da Folha de S. Paulo relativas à Educação. Tese (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992a. Marxismo e filosofia da Linguagem. 6ª Ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 1992b.

_____. Os Gêneros do Discurso, In: **Estética da Criação verbal**. Tradução: M.E.G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 3ª ed. 2000.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12.ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BASTOLLA, Fernanda Falconi; SOUZA, Antonio Escandiel. **A importância da linguagem como uma prática social na formação docente em nível médio**. XXII Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão. 2017, Unicruz

BEZERRA, Paulo. **Polifonia**. In: Brait, Beth (Org.). Bakhtin: conceitos-chave. Rio de Janeiro: Contexto, 2005.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide. **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

FIORIN, José L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016.

_____, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

LAGE, Nilson. **Ideologia e Técnica da Notícia**. Florianópolis: Insular, 4ª ed. Ver. e atual., 2012.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teorias da Comunicação**: ideias, conceitos e métodos. Petrópolis: Vozes, 2017.

MIOTELLO, Valdemir. In: BRAIT, Beth (org). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

MOREYRA, Roberto; MACEDO, Aline; GRINBERG, Felipe; RIBEIRO, Leonardo. Protesto no Palácio Guanabara pela morte de João Pedro tem confronto entre manifestantes e Polícia Militar. **O Globo**, Rio de Janeiro, 31, maio de 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/protesto-no-palacio-guanabara-pela-morte-de-joao-pedro-tem-confronto-entre-manifestantes-policia-militar-24455563>. Acesso em 8 de junho de 2021.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.